UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
CAMPUS DE BAURU

LUIZ FELIPE MOTTA

ARTE COLABORATIVA E ARTE-EDUCAÇÃO: UM ENCONTRO COM A POÉTICA DA MEMÓRIA A PARTIR DO PROJETO “GUARDANAPOS POÉTICOS” DE DANIEL VIANA.

BAURU
2022

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
DEPARTAMENTO DE ARTES E REPRESENTAÇÃO GRÁFICA
CAMPUS DE BAURU

LUIZ FELIPE MOTTA

ARTE COLABORATIVA E ARTE-EDUCAÇÃO: UM ENCONTRO COM A POÉTICA DA MEMÓRIA A PARTIR DO PROJETO “GUARDANAPOS POÉTICOS” DE DANIEL VIANA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais – Licenciatura, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design UNESP/Campus Bauru, como requisito parcial para conclusão da graduação, sob orientação da Profª Drª Regilene A. Sarzi Ribeiro.

BAURU
2022

M921a

Motta, Luiz Felipe
Arte colaborativa e arte-educação: um encontro com a poética da memória a partir do projeto "Guardanapos Poéticos" de Daniel Viana / Luiz Felipe Motta. -- Bauru, 2023
59 f. : fotos

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Artes Visuais) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru
Orientadora: Regilene Aparecida Sarzi Ribeiro

1. Arte. 2. Memória. 3. Ensino da arte. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

LUIZ FELIPE MOTTA

ARTE COLABORATIVA E ARTE-EDUCAÇÃO: UM ENCONTRO COM A POÉTICA DA MEMÓRIA A PARTIR DO PROJETO “GUARDANAPOS POÉTICOS” DE DANIEL VIANA.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Artes Visuais – Licenciatura, Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design UNESP/Campus Bauru, como requisito parcial para conclusão da graduação, sob orientação da Profª Drª Regilene A. Sarzi Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Profa. Dra. Regilene A. Sarzi Ribeiro
FAAC UNESP Bauru – Orientadora

_____

Profa. Dra. Eliane Patrícia Grandini Serrano
FAAC UNESP Bauru – Membro da Banca

_____

Profa. Dra. Tarcila Lima da Costa
FAAC UNESP Bauru – Membro da Banca

Para minha mãe.

AGRADECIMENTOS

À professora e orientadora Regilene, por toda inspiração, aporte e incentivo;
Às professoras Patrícia e Tarcila, por serem parte deste trabalho;
Ao Daniel Viana, por sua figura e sua arte;
Às memórias, e todo amor, sabedoria e ensinamentos de mãe e avó: Cecilia e Nina, obrigado!
Ao Geison e ao João Paulo, amigos e parceiros de vida, sem os quais não teria chegado até aqui;
Ao Matheus, Rafa, Zé, Agnes, Maria, Gui, Vivi, Mô, Fábio, Kamila, Márcio, Alex e Mavi, por todo sustento e amizade fiel;
Aos professores e colegas das escolas da vida;
Aos amigos e familiares presentes;
Aos meus irmãos Luiz Otávio e Ana Flávia; e aos seus pares Célia e Daniel;
Às sobrinhas Ana Luiza e Letícia;
Aos meus pais;
À arte, à vida, a Deus.
Muito obrigado!

Bauru, Dezembro de 2022.

RESUMO

Esta pesquisa percorre a memória, despertada por meio da arte colaborativa, e em relação com a arte-educação, a partir do projeto artístico "Guardanapos Poéticos" (2012), do artista brasileiro Daniel Viana. Tem por objetivos investigar e relacionar a memória, a arte colaborativa e o ensino da arte, bem como analisar e contextualizar o projeto "Guardanapos Poéticos" de Daniel Viana. Assim, com um estudo sobre arte colaborativa e memória, questiona-se: seria possível estabelecer uma relação de pertencimento, sentir-se parte da arte e seu fazer artístico? Os envolvidos seriam provocados a um encontro com a própria poética da memória? E essa prática artística poderia ser aplicada e desenvolvida também no contexto do ensino da arte? O método escolhido para esta pesquisa qualitativa consiste em levantamento e coleta de dados, com estudo exploratório e descritivo, a partir dos teóricos Ana Mae Barbosa (2014), John Dewey (2010), Paulo Freire (1996) e Walter Benjamin (1987).

PALAVRAS-CHAVE: memória; arte colaborativa; ensino da arte; Daniel Viana.

ABSTRACT

This research goes through the memory awakened through collaborative art, and in relation to art education, from the artistic project “Guardanapos Poéticos” (2012), by the Brazilian artist Daniel Viana. It aims to investigate and relate memory, collaborative art and art education, and to analyze and contextualize Daniel Viana's “Guardanapos Poéticos” project. Thus, with a study on collaborative art and memory, it is questioned: would it be possible to establish a relationship of belonging, to feel part of art and its artistic work? Would those involved be provoked to an encounter with the very poetics of memory? And could this artistic practice also be applied and developed in the context of art teaching? The method chosen for this qualitative research consists of surveying and collecting data, with an exploratory and descriptive study, based on theorists Ana Mae Barbosa (2014), John Dewey (2010), Paulo Freire (1996) and Walter Benjamin (1987).

KEYWORDS: memory; collaborative art; art teaching; Daniel Viana.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: "Parangolés", Hélio Oiticica, 1964 – 1979. Moradores do morro da Mangueira no Rio de Janeiro (RJ), com Parangolés de Hélio Oiticica durante filmagens – registro de Ivan Cardoso em 1979. Fonte: https://masp.org.br/exposicoes/helio-oiticica-a-danca-na-minha-experiencia. ..... p. 19

Figura 2: "Divisor", Lygia Pape, 1968. Registro de performance, fotografia de Paula Pape. Fonte: https://garagemca.org/en/event/lygia-clark-h-lio-oiticica-lygia-pape-a-lecture-by-irina-kulik. ..... p. 24

Figura 3: "Representação gráfica das dimensões da Abordagem Triangular de Barbosa", 2017. Representação gráfica em artigo, revista GEARTE. Fonte: https://www.researchgate.net/publication/321221763_Articulacao_entre_a_Abordagem_Triangular_e_a_Teoria_dos_Campos_Conceituais_propondo_dialogos_entre_a_didatica_e_a_psicologia_cognitiva. ..... p. 26

Figura 4: "Guardanapos Poéticos", o artista, Daniel Viana, 2019. Fotografia digital publicada no Instagram do artista em 10 de setembro de 2019. Fonte: Instagram @guardanapospoeticos. ..... p. 30

Figura 5: "Guardanapos Poéticos", da série "Troco um causo por um conto", Daniel Viana, 2015. Fotografia digital publicada no Instagram do artista em 27 de novembro de 2015. Fonte: Instagram @guardanapospoeticos. ..... p. 31

Figura 6: "Guardanapos Poéticos", poema, Daniel Viana, 2016. Fotografia digital publicada no Instagram do artista em 08 de junho de 2016. Fonte: Instagram @guardanapospoeticos. ..... p. 33

Figura 7: "Guardanapos Poéticos", encontro, Daniel Viana, 2018. Fotografia digital publicada no Instagram do artista em 13 de abril de 2018. Fonte: Instagram @guardanapospoeticos. ..... p. 34

Figura 8: "Guardanapos Poéticos", da série "Troco um causo por um conto", Daniel Viana, 2020. Fotografia digital publicada no Instagram do artista em 11 de fevereiro de 2020. Fonte: Instagram @guardanapospoeticos. ..... p. 36

Figura 9: "Guardanapos Poéticos", da série "Troco um causo por um conto", Daniel Viana, 2017. Fotografia digital publicada no Instagram do artista em 16 de dezembro de 2017. Fonte: Instagram @guardanapospoeticos. ..... p. 37

Figura 10: "Guardanapos Poéticos", memória, Daniel Viana, 2018. Fotografia digital publicada no Instagram do artista em 16 de março de 2018. Fonte: Instagram @guardanapospoeticos. ..... p. 41

Figura 11: Narrativa Visual "O Poeta dos Passantes", de autoria de Marcos, Felipe, Lucia, Rafaela e Leonardo, 2019. Fonte: acervo do projeto "Narrativas Visuais: a Vida como Obra de Arte", 2019 (SALES et al., 2020, p. 58). ..... p. 46

Figura de abertura: sem título, do autor, 2022. Composição com papel, guardanapo e café. Fotografia digital. Fonte: acervo pessoal. ..... p. 11

Figura de capa, capítulo 2: "Divisor", Lygia Pape, 1968. Registro de performance. Recorte do autor. Fonte: enciclopedia.itaucultural.org.br/obra14848/divisor. .....p. 17

Figura de capa, capítulo 3: "Guardanapos Poéticos", Daniel Viana, 2019. Fotografia digital publicada no Instagram do artista em 10 de setembro de 2019. Edição do autor. Fonte: Instagram @guardanapospoeticos. ..... p. 28

Figura de capa, capítulo 4: "Guardanapos Poéticos", Daniel Viana, 2017. Fotografia digital publicada no Instagram do artista em 16 de dezembro de 2017. Edição do autor. Fonte: Instagram @guardanapospoeticos. ..... p. 39

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 12

2. UM OLHAR PARA A ARTE 18

2.1. Investigação sobre arte colaborativa 18

2.2. O despertar da memória a partir da arte colaborativa 21

2.3. Memória e arte colaborativa no ensino da arte 23

3. UM OLHAR PARA O ARTISTA 29

3.1. Daniel Viana, um artista plural 29

3.2. Seu projeto "Guardanapos Poéticos" 33

4. UM OLHAR DE PERTENCIMENTO 40

4.1. A memória a partir do projeto "Guardanapos Poéticos" 40

4.2. Arte colaborativa como mediação cultural 42

4.3. Sua aplicação no ensino da arte 45

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS 52

6. REFERÊNCIAS 56



Figura de abertura: sem título, do autor, 2022. Composição com papel, guardanapo e café. Fotografia digital. Fonte: acervo pessoal.

1. INTRODUÇÃO

A ideia para este trabalho de conclusão de curso surge de uma reflexão acerca da memória, despertada através da arte, da arte colaborativa, e em relação com a arte-educação. A pesquisa consiste num estudo sobre a memória, a arte colaborativa e o ensino da arte, a partir do projeto artístico "Guardanapos Poéticos" (2012), do artista brasileiro Daniel Viana – que trabalha a memória como elemento em suas intervenções artísticas, e resultam da arte colaborativa. Cabe destacar que Viana realiza sua arte em diversas linguagens, como literatura, performance, e intervenções urbanas, que permitem experiências estéticas, com práticas colaborativas entre artista, obra e público.

Assim, pretende-se provocar uma relação de pertencimento com a arte e o fazer artístico, e refletir sobre a possibilidade dessa relação proporcionar um encontro com a própria poética da memória, numa prática que poderia ser aplicada e desenvolvida também no contexto do ensino da arte.

Para tecer uma reflexão crítica sobre o tema, optou-se pelos teóricos Ana Mae Barbosa (2014), Daniel Gomes de Carvalho (2020), Daniele de Sá Alves (2014), Gisa Picosque (2012), João Francisco Duarte Júnior (1994), John Dewey (2010), Mirian Celeste Martins (2012), Paulo Freire (1996), Walter Benjamin (1987), e os escritos do livro "Narrativas Visuais: um encontro com a poética da memória", de Roberto Lima Sales, Mariane Freiesleben e Patrícia Luciano de Farias Teixeira (2020), além de artistas brasileiros como Hélio Oiticica (1937 – 1980) e Lygia Pape (1927 – 2004).

Nesse contexto, portanto, norteia-se o estudo a partir do projeto artístico e cultural chamado "Guardanapos Poéticos" (2012), do artista Daniel Viana, desenvolvido com a colaboração do público, junto do artista, para realização da obra. Essa contribuição pode provocar nesse público uma relação de pertencimento, de identificação, de protagonismo, levando-o a sentir-se parte da obra, podendo, ainda, ativar seu campo da memória. Esse projeto vem pensado, ainda, como proposta a ser desenvolvida e aplicada no âmbito da arte-educação.

Visando orientar tal processo de pesquisa, foi pensado em dois pilares norteadores: como objetivo mais amplo pretende-se investigar e relacionar a memória, a arte colaborativa e o ensino da arte; para então buscar uma relação de

pertencimento a partir da análise e contextualização do projeto “Guardanapos Poéticos” de Daniel Viana.

O desenvolvimento do trabalho parte, assim, de uma reflexão sobre uma arte acessível, colaborativa, capaz de sensibilizar as relações do sujeito consigo, suas memórias, com a própria arte e com o entorno, movimento importante e relevante para a cultura contemporânea. E pretendendo atender e relacionar essa pesquisa com o ensino da arte, a mesma vem provocada pelas seguintes questões: será que por meio de uma arte colaborativa é possível sentir-se parte dessa arte e seu fazer artístico? Os envolvidos seriam provocados a um encontro com a própria poética da memória? E essa prática artística poderia ser aplicada e desenvolvida também no contexto do ensino da arte?

Cabe destacar, então, a importância do projeto “Guardanapos Poéticos”, que é parte fundamental na construção deste trabalho. O encontro com Daniel Viana e seus “Guardanapos Poéticos” ocorreu na *Internet* por meio do *Instagram* e de seu canal no *Youtube*, que trazem o mesmo nome do projeto. Natural da cidade mineira de Poços de Caldas, ele é um artista plural, ator, diretor teatral, performer, escritor, pesquisador, e se auto denomina poeta de rua. Viana desenvolve seu projeto “Guardanapos Poéticos” desde 2012, no qual cria poemas datilografados em máquina de escrever sobre guardanapos de papel. É também autor do livro “100 contos por 10 contos trocados” (2013), e sua arte vai além da criação dos poemas, pois o projeto incluiu intervenções urbanas, como a distribuição aleatória desses poemas pelas ruas e locais públicos. Realiza, ainda, a ação “Troco um causo por um conto”, onde o artista se instala com uma mesa portátil, sua máquina de escrever e guardanapos, para interagir com o público, pessoas anônimas, que sentam para um diálogo pessoal com o autor, contam um relato, expressam uma memória, e em troca recebem um poema, de presente, escrito na hora pelo artista. Cabe ressaltar que essas intervenções, apesar de efêmeras como ato, se eternizam não só para as pessoas que participam do encontro e recebem um poema, ou para as pessoas que assistem ao ato artístico, mas também àquele novo público que pode apreciar essa arte por meio de registros em fotografias e vídeos, alguns acessíveis pela *Internet*.

Quanto à memória, considera-se importante pensar que esse termo pode remeter a algo que já se possui. Uma definição trazida pelo canal *Google* define: “memória é a capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações”. Visando

ampliar o entendimento sobre conceito, seus efeitos e as relações com a memória, Walter Benjamin, a partir dos seus escritos em “Magia e Técnica, Arte e Política – Obras escolhidas” (1987) reflete sobre o fazer história. Buscar lembranças, objetos, permite reviver momentos, revisitar o passado, resgatar sentimentos, informações, situações, e indica uma relação com essas memórias pessoais, conforme aquele autor destaca: “Em lugar de apontar para uma “imagem eterna do passado”, como historicismo, ou, dentro de uma teoria do progresso, para a de futuros que cantam, o historiador deve constituir uma “experiência” (“Erfahrung”) com o passado” (BENJAMIN, 1987, p. 8). É, pois, uma revisita a própria história, e essa está em relação com a contemporaneidade, afinal no momento presente também se constrói e se ressignifica a memória.

Cabe, ainda, uma reflexão sobre a memória a partir da arte, individual ou coletivamente, e de forma colaborativa, com o livro “Narrativas Visuais: um encontro com a poética da memória” (2020), dos autores Roberto Lima Sales, Mariane Freiesleben e Patrícia Luciano de Farias Teixeira. Tal livro traz uma leitura que aborda conceitos de narrativa e memória, levando a ideias sobre lugares e sobre si mesmo. O texto remete ao pensamento sobre a “narrativa do tempo” de Benjamin, desperta um olhar para a ação coletiva, como uma prática artístico-pedagógica, e que pode se tornar arte colaborativa. Essa sensibilidade na construção e ação envolvendo memórias e arte colaborativa pode ser observada no seguinte texto:

> Sob essa ótica, constatamos que, por meio das práticas artístico-pedagógicas do projeto de extensão “Narrativas Visuais: a Vida como Obra de Arte”, foi possível tecer um processo de formação plural do sujeito em meio a espaços e tempos interdependentes e descontínuos, em um devir plural, inconcluso, na experiência vivida na coletividade, compartilhada pelo texto-imagem incorporado na narrativa. Essa experiência contemplou um estado atemporal, superando, assim, a distância que separa o presente do passado, indo além do racional, englobando conteúdos relacionados às crenças, às artes e as formas de viver no mundo. (SALES et al., 2020, p. 73)

Assim, mesmo de forma breve, é possível pensar em situações onde a arte provoca o campo da memória pessoal, permitindo uma relação de proximidade com uma obra, ou com seu processo de criação. No contexto dessas indicações, pode-se pensar na poética dessas memórias, uma vez que vêm resgatadas ou ressignificadas por meio da arte, e no caso deste estudo, por um projeto artístico que além de interagir com a pessoa, o faz no contexto coletivo.

Outra referência para esses olhares seria a alteridade, que permite pensar no encontro entre pessoas, com trocas, pluralidades, representando uma diversidade cultural como a que o projeto “Guardanapos Poéticos” agrega consigo, uma vez que as memórias pessoais ali exploradas podem ser expressões da cultura e origem daqueles sujeitos. Ocorre, ainda, uma valorização da arte efêmera, do espontâneo, das afetividades, da ação entre anônimos, do processo criativo, da socialização por meio da arte.

Após essas reflexões e pensando na projeção de práticas artísticas no contexto da educação, do ensino das artes visuais, cabe trazer as palavras de Duarte Júnior ao definir a arte-educação como “uma maneira mais ampla de se abordar o fenômeno educacional, considerando-o não apenas como transmissão simbólica de conhecimentos, mas como um processo formativo do humano” (DUARTE JÚNIOR, 1994, p. 72). Essa ideia de processo formativo do humano pode ser potencializada a partir do seu processo criativo, do fazer artístico, e este projeto pretende estudar essa possibilidade, a partir de uma prática artística colaborativa, alimentando-se da poética da memória, e provocada pelo projeto “Guardanapos Poéticos”.

Aqui, merecem destaque o percurso metodológico, e suas etapas, pensados para a realização deste trabalho. O método escolhido para esta pesquisa qualitativa consiste em levantamento bibliográfico, audiovisual, literário, fotográfico, e um estudo exploratório e descritivo a partir da coleta de dados e análise documental, com abordagem histórico-crítica das obras escolhidas como objetos de estudo.

Importante destacar, ainda, a revisão da literatura levantada para referidos estudos, e que se mostrará no desenvolvimento dos seguintes capítulos. A temática da arte colaborativa vem explorada a partir do contexto artístico dos neoconcretistas Hélio Oiticica e Lygia Pape, Daniel Gomes de Carvalho (2020), bem como do livro “Narrativas Visuais: um encontro com a poética da memória” (2020), de Roberto Lima Sales, Mariane Freiesleben e Patrícia Luciano de Farias Teixeira. Já a arte-educação e o ensino da arte são estudados com teóricos como Ana Mae Barbosa (2014), Daniele de Sá Alves (2014), Gisa Picosque (2012), João Francisco Duarte Júnior (1994), John Dewey (2010), Mirian Celeste Martins (2012) e Paulo Freire (1996). A pesquisa acerca da memória, e sua poética, se dará por meio de pensamentos de teóricos como Walter Benjamin (1987), novamente Ana Mae Barbosa (2014), bem como do livro “Narrativas Visuais: um encontro com a poética da memória” (2020), de

Roberto Lima Sales, Mariane Freiesleben e Patrícia Luciano de Farias Teixeira. Tem-se, então, o encontro com os “Guardanapos Poéticos” de Daniel Viana, cujo projeto e artista serão estudados a partir do livro “100 contos por 10 contos trocados” (2013), de texto da “Revista do centro de pesquisa e formação” do Sesc São Paulo (2020), do *Instagram* do artista, e do canal daquele seu projeto no *Youtube*.

Por fim, eis os títulos e subtítulos dos capítulos a seguir desenvolvidos: “Um olhar para a Arte: investigação sobre arte colaborativa; o despertar da memória a partir da arte colaborativa; memória e arte colaborativa no ensino da arte”; “Um olhar para o artista: Daniel Viana, um artista plural; seu projeto ‘Guardanapos Poéticos’”; “Um olhar de pertencimento: a memória a partir do projeto “Guardanapos Poéticos”; arte colaborativa como mediação cultural; sua aplicação no ensino da arte”. E então, apresentam-se as “Considerações finais” e as “Referências” indicando as bibliografias e fontes da pesquisa.



um olhar para a arte

2. UM OLHAR PARA A ARTE

Esta pesquisa, conforme já apresentado, traz uma reflexão acerca da memória, que vem despertada por meio da arte colaborativa, em relação com a arte-educação, e a partir do projeto artístico "Guardanapos Poéticos" de Daniel Viana.

Pensando no propósito de investigar e relacionar a memória, a arte colaborativa e o ensino da arte, o presente capítulo faz um convite para olhar para a arte, e traçar um percurso pautado por ideias, pensamentos e autores buscando estabelecer tal relação, e que se desenvolvem ao longo desse texto.

Referidos argumentos, então, vêm divididos em três partes intituladas "Investigação sobre arte colaborativa", "O despertar da memória a partir da arte colaborativa" e "Memória e arte colaborativa no ensino da arte", conforme segue.

2.1. Investigação sobre arte colaborativa

O ponto de partida desta etapa do trabalho é um olhar para a arte colaborativa. Tal olhar convida para uma reflexão sobre uma arte acessível, capaz de sensibilizar as relações do sujeito consigo, suas memórias, com a própria arte, e também com o outro, de forma plural, conjunta, participativa, movimento importante e relevante para a cultura contemporânea.

Pode-se considerar a arte colaborativa como uma herança dos neoconcretistas. Pensando no seu contexto histórico e conceitual, traz-se a sua relação direta com artistas do neoconcretismo, movimento brasileiro de meados do século XX, com um olhar especial aos artistas Hélio Oiticica e Lygia Pape. Importante indicar, ainda, figuras marcantes como Ferreira Gullar, Mário Pedrosa, e o grupo Frente, formado por artistas no Rio de Janeiro daquele período.

Assim, merecem destaques alguns pensamentos de Mário Pedrosa, como a relação do binômio arte e vida, a sensibilização da forma na criação artística, a ideia de percepção, a liberdade de criação, quando se pensa na arte brasileira daquele contexto, bem como nos "fundamentos da universalidade da experiência estética" (MOURA, 2014, p. 145).

Ainda em Mário Pedrosa, quando escreveu sobre o artista Hélio Oiticica, dita: "Arte ambiental é como Oiticica chamou sua arte. Não é com efeito outra coisa. Nela

nada é isolado. Não há uma obra que se aprecie em si mesma, como um quadro. O conjunto perceptivo sensorial domina" (OITICICA, 1986, p. 11).

A partir dessas palavras, e com um olhar para Hélio Oiticica, é possível pensar num contexto artístico que rompia com padrões tradicionais ligados à Arte Moderna. Observa-se uma abertura para o artista e seu processo criativo, destaque para o corpo, para a sensorialidade, a pluralidade de materiais. Assim, chega-se à arte penetrável de Oiticica. Os chamados penetráveis foram realizações artísticas daquele artista, e que proporcionavam o contato, a participação do público com a obra. Esse público podia tocar, entrar nas obras, por isso o termo penetrável. Essa oportunidade sensorial, palpável, participativa, podem ser exemplificadas, também, em suas caixas com cores chamadas "Bólides", ou suas vestimentas chamadas "Parangolés", observados abaixo na Figura 1:



Figura 1: "Parangolés", Hélio Oiticica, 1964 – 1979. Moradores do morro da Mangueira no Rio de Janeiro (RJ), com Parangolés de Hélio Oiticica durante filmagens – registro de Ivan Cardoso em 1979. Fonte: https://masp.org.br/exposicoes/helio-oiticica-a-danca-na-minha-experiencia.

Tais caixas, os "Bólides", continham elementos coloridos, como areia, tecidos, por exemplo, e eram expostas para que o público pudesse manipular, tocar aquelas materialidades, numa experiência sensorial com aquela arte. Já os "Parangolés" eram obras têxteis, compostas por amplos tecidos e armações, estruturados como uma grande vestimenta, que podiam ser vestidos pelo público, realizando uma ação

artística. Muitas vezes, a experiência com os “Parangolés” eram performáticas, agregando movimentos ou danças, por exemplo. Conhecer os penetráveis e obras participativas de Oiticica, como os referidos “Parangolés”, permite visualizar uma dimensão conceitual plural em sua arte. É possível observar o público em relação com a obra, expressão de arte acessível, participativa, muitas vezes de forma coletiva, e em relação com o ambiente. É uma arte-ação, é performática. Oiticica “não visava apenas romper com o suporte fixo, mas produzir uma obra de arte que invadiria o *locus* público e com ele interagiria, numa relação dinâmica e presente entre ser e obra” (CAMARGO, 2019, p.1).

Aqui, merece destaque um pensamento do próprio Hélio Oiticica que diz:

> Há duas maneiras de propor uma arte coletiva: a 1ª seria a de jogar produções individuais em contato com o público das ruas (claro que produções que se destinem a tal, e não produções convencionais aplicadas desse modo); outra, a de propor atividades criativas a esse público, na própria criação da obra. (OITICICA, 1986, p. 96)

A partir desses escritos, é possível pensar em arte coletiva, colaborativa, em que a abertura do artista para a participação de uma ou demais pessoas permite ampliar a ideia acerca do fazer artístico, da realização de uma obra. Propõe a colaboração, a participação, a incorporação do espectador com a obra. Faz pensar, ainda, na importância da ação artística, no movimento performático do ato, na arte efêmera. E permite considerar a arte como experiência, conforme ensina John Dewey (2010). Segue um destaque de seus ensinamentos:

> Uma experiência tem padrão e estrutura porque não apenas é uma alternância do fazer e do ficar sujeito a algo, mas também porque consiste nas duas coisas relacionadas. Pôr a mão no fogo não é, necessariamente, ter uma experiência. A ação e sua consequência devem estar unidas na percepção. Essa relação é o que confere significado; apreendê-lo é o objeto de toda compreensão. (DEWEY, 2010, p. 122)

Retomando Oiticica, além de uma relação sensorial-táctil-motora, conforme classifica, constata-se uma relação dos envolvidos com o entorno, num encontro artístico e social, bem como com o mundo sensorial e da consciência, ligados à memória, e que esta pesquisa explora mais à frente.

Cabe citar, então, o professor e pesquisar Daniel Gomes de Carvalho, que estuda filosofia e alguns conceitos de estética, beleza e sensibilidades no contexto da

arte. Carvalho, ao mencionar o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, ensina que “Nietzsche defende que a vida humana, para valer a pena ser vivida, deve ser uma obra de arte” (CARVALHO, 2020, p. 163). E diz que “é preciso criatividade para criar (ou encontrar, se você preferir) sentidos à existência” (CARVALHO, 2020, p. 171). Um convite a olhar para a arte, para o processo criativo e sua relação direta com a vida.

2.2. O despertar da memória a partir da arte colaborativa

Este subtítulo indica e provoca um olhar para o despertar da memória, e com esse despertar advindo de uma experiência com a arte colaborativa. Uma arte colaborativa propõe a colaboração entre artistas, ou do público espectador com um artista, para realização de uma obra. Essa relação permite pensar, também, numa arte como experiência, remetendo ao mundo sensorial, da consciência, e ligado à memória.

Observada a ideia de memória, cabe recordar que esse termo remete à capacidade de adquirir, armazenar e recuperar informações, conforme já mencionado. Essa definição permite pensar o conceito de memória no momento presente, com a possibilidade de se construir e alimentar o repertório pessoal de memórias, ampliando a ideia de memória associado somente a coisas já vividas ou experienciadas. É possível, pois, criar e ressignificar memórias.

Ademais, merece destaque a figura do alemão Walter Benjamin (1987), com amplo trabalho no campo teórico, literário e filosófico por exemplo, e que permite uma interpretação da memória do passado como uma experiência, uma “experiência com o passado” (BENJAMIN, 1987, p. 8). Essa revisita a própria história, aos “arquivos” da memória, pode provocar uma releitura sensível, uma ressignificação desse repertório, trazendo-o para a atualidade, estando, então, em relação com a contemporaneidade – uma memória revivida pode despertar sensações, reações, ou abrir espaço para novas memórias, uma vez que venha ressignificada, proporcionando o acesso a uma poética das próprias memórias. Ainda em Benjamin, pode significar a capacidade de “produzir semelhanças” (BENJAMIN, 1987, p. 108), ou remeter a uma ideia de narrativa do tempo, numa relação entre passado e presente.

Ao estabelecer a referida “experiência” com o passado, Walter Benjamin faz pensar também numa experiência com a arte, pois fala sobre aura, aura da arte, e

remete ao agora, gerando um pertencimento da arte ao contexto em que se encontra. Relações e reflexões sobre arte como experiência serão exploradas mais a frente também a partir de teóricos como John Dewey (2010) e Ana Mae Barbosa (2014).

Porém, com o foco no despertar da memória a partir da arte colaborativa, o destaque aqui vem com o livro “Narrativas Visuais: um encontro com a poética da memória” (2020), dos autores Roberto Lima Sales, Mariane Freiesleben e Patrícia Luciano de Farias Teixeira, um dos pilares na construção deste trabalho de conclusão de curso.

Referido livro é fruto de um trabalho prático, comunitário, plural, repleto de conceitos e reflexões que perpassam desde experiências narrativas e memórias, identidades, a encontros entre culturas e gerações, nesse projeto realizado em no Estado de Tocantins e concluído em 2019. Propõe, ademais, a construção de um discurso sobre lugares, sobre si mesmo, sobre lugares de afetividade, sobre possíveis e diversificadas tessituras de discursos e sujeitos. Com forte protagonismo de jovens, estudantes, artesãos, o projeto apresentado permite pensar e repensar sobre arte, educação, memória individual e coletiva, e sobre a história de um povo. Pensar a história, construir história, com arte, permite visualizar uma história da arte viva, história viva da arte.

Numa espécie de tear coletivo, destacam-se jovens artistas e a produção de uma grande, e mágica, colcha de retalhos, na qual ficaram registrados alguns sentidos de vida, do eu e do outro, compostas de memórias, lembranças do tempo de criança, com anseios, rebeldias, e também silêncios e esquecimentos. Para melhor compreensão dessas memórias, e do lugar que ela ocupa, destaca-se o trecho a seguir:

> É possível notar claramente que o não lugar em foco neste trabalho está envolvido sob a simbologia do território, no qual um não lugar transforma-se em um lugar, um lugar territorializado e de memória, no qual se instalou e foi preenchido de afetividade. Em face à certa instabilidade, temos uma estrutura espacial formada, que não é registrada na memória como sendo um não lugar, mas sim como uma experiência de valor. Portanto, o lugar na memória de um indivíduo é o mundo onde cada um mantém relação com o lugar a partir da memória, do cotidiano, das experiências vividas. Cada pessoa identifica-se com um lugar, e dessa ligação sobressai a territorialização do não lugar. A memória não é algo de fora, ela é construída na relação entre as pessoas e as coisas. (SALES et al., 2020, p. 23)

Assim, pensar na individualidade e potencialidade do encontro consigo e com as próprias memórias permite localizar um espaço exclusivo, mantenedor de seu repertório de registros e experiências construídas ao longo da própria história. Despertar e acessar esse lugar de memórias permite nutrir a relação consigo, sua identidade pessoal e cultural, trazendo uma dinâmica atemporal numa possível relação com a arte e com o fazer artístico. Uma vez relacionada com a arte, essas memórias podem vir somadas e potencializadas a partir de trocas, no contexto da arte colaborativa, e essa projeção pode ser entendida e aplicada conforme as seguintes palavras daquelas “Narrativas Visuais”:

> Reafirmamos, dessa forma, o potencial das memórias produtoras de identificação cultural/social/histórica e alertamos para a necessidade de uma arte politizada para o despertar revolucionário, pois quando inserido na narrativa, o fazer artístico revela seu potencial como elemento dinâmico da realidade, ao mesmo tempo em que incorpora aspectos da realidade presente e de realidades ainda não vividas. (SALES et al., 2020, p. 28)

Antes de prosseguir para o próximo tópico, “Memória e arte colaborativa no ensino da arte”, reiteramos a importância de atividades artísticas, suas práticas e processos criativos, que podem despertar e explorar as próprias memórias. Tais memórias podem ser ampliadas numa relação de troca, uma vez trabalhadas no contexto da arte colaborativa, e também no contexto de ensino e aprendizagem, consistindo numa contribuição no âmbito do ensino da arte.

2.3. Memória e arte colaborativa no ensino da arte

O texto “Narrativas Visuais: um encontro com a poética da memória” (2020), apresentado anteriormente, permite pensar sobre a ideia de narrativa do tempo, de Benjamin, desperta um olhar para a arte, para uma arte-ação, e uma ação coletiva. O projeto ali desenvolvido pode ser lido como uma prática artístico-pedagógica, que pode ser aplicado no contexto da arte colaborativa, e também da arte-educação.

Ao pensar na arte como ação, como performance, ocorre uma valorização da arte efêmera, do espontâneo e de experiência estética. Cabe retornar à arte penetrável e participativa de Hélio Oiticica, com participação do público, capaz de despertar sensibilidades, afetividades, numa ação entre anônimos, e em cena de socialização por meio da arte.

Ainda no contexto Neoconcretista, merece destaque a artista Lygia Pape, importante expoente daquele movimento, e cuja obra “Divisor”, de 1968, e observada a seguir na Figura 2:



Figura 2: “Divisor”, Lygia Pape, 1968. Registro de performance, fotografia de Paula Pape. Fonte: https://garagemca.org/en/event/lygia-clark-h-lio-oiticica-lygia-pape-a-lecture-by-irina-kulik.

Lygia Pape (1927 – 2004) é uma artista brasileira plural, multifacetada, que manipula e experimenta em suas obras diversas linguagens e formatos artísticos como pintura, escultura, performance, instalação, vídeo, por exemplo. Realizou obras por meio de arte colaborativa, e nesse contexto de arte coletiva, a artista incorpora o espectador como parte, como agente em sua obra. Aqui destaca-se uma obra concebida em 1968, de caráter coletivo e participativo, chamada “Divisor”, cuja primeira performance veio realizada na cidade do Rio de Janeiro. A obra vem composta por um amplo tecido branco, com várias fendas, a ser vestido por dezenas de pessoas, conforme registro observado na referida Figura 2.

A indicação da obra “Divisor”, bem como a citação dos artistas Lygia Pape e Hélio Oiticica, a ponte com os neoconcretistas, são resgates que pretendem trazer um olhar para a arte participativa, coletiva, colaborativa, e projetar o pensamento na ação artística, no ato, na experiência. Cabe, ainda, destacar a importância dessas referências artísticas, sua abordagem e aplicação no contexto da arte-educação.

Com isso, após essas reflexões, com atenção ao despertar da memória e sua presença no contexto artístico, a arte como ação e experiência, traça-se um paralelo com práticas artísticas no âmbito da educação, do ensino da arte. Assim, cabe destacar as palavras de Duarte Júnior (1994) ao definir a arte-educação, faz pensar num modo mais amplo de se abordar o fenômeno educacional, amplia a ideia de transmissão simbólica de conhecimentos, e indica um "processo formativo do humano" (DUARTE JÚNIOR, 1994, p. 72). Esse processo formativo do ser humano se desenvolve no cotidiano, e práticas artísticas podem contribuir para esse desenvolvimento pessoal, intelectual, cultural, proporcionando maior abertura e criando repertórios para fortalecimento do pensamento crítico e leitura de mundo.

Pilar para a construção desta pesquisa, para o estudo, leitura e ensino de arte, é Ana Mae Barbosa. A autora é fundamental para o entendimento e desenvolvimento dos processos ligados à arte-educação. Cabe destacar seus escritos acerca de "memória e história" (BARBOSA, 2014), que ensina:

> Na arte e na vida memória e história são personagens do mesmo cenário temporal, mas cada uma se veste a seu modo (...)
> A história intelectual e formal, usa a vestimenta acadêmica, enquanto a memória não respeita regras nem metodologias, é afetiva e revive cada lembrança. (BARBOSA, 2014, p. 1)

Assim, pode-se traçar uma relação entre memória e história, arte e vida, e essas relações seguem paralelas nesses estudos que agregam, ainda, a relação de troca no contexto de ensino e aprendizagem.

Barbosa trata o ensino da arte em correspondência aos ensinamentos de John Dewey, destaca as ideias dele acerca da experiência, algumas vezes interpretadas de maneira equivocada no cenário da educação, tema esse que será explorado mais à frente. Aqui, destaca-se a ideia de arte como experiência consumatória, que para Dewey "é persuasiva, ilumina toda a experiência, não é apenas seu estágio final" (BARBOSA, 2014, p. 1).

Ainda sobre Ana Mae Barbosa, que se apresentará outras vezes ao longo deste trabalho, cabe destacar sua "Proposta Triangular" para o ensino da arte, abordagem essa tão presente na contemporaneidade. Tal proposta vem descrita de forma objetiva e pontual, apresentada em seu livro "A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos" (2014): "A PROPOSTA TRIANGULAR: LEITURA DA OBRA DE ARTE, FAZER ARTÍSTICO E CONTEXTUALIZAÇÃO" (BARBOSA, 2014, p. 35).

Ademais, merece destaque uma sua representação gráfica, conforme se observa na Figura 3 abaixo:

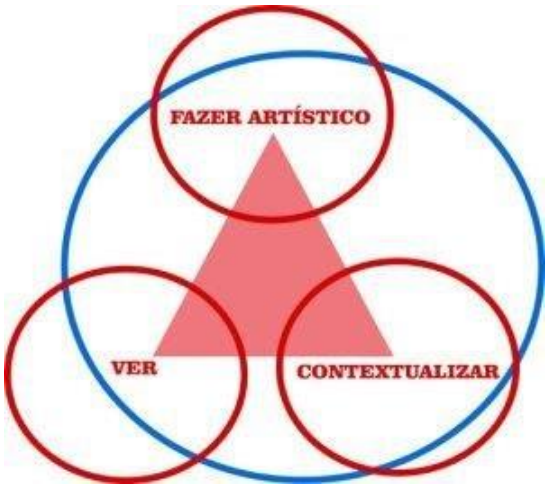


Figura 3: "Representação gráfica das dimensões da Abordagem Triangular de Barbosa", 2017. Representação gráfica em artigo, revista GEARTE. Fonte: https:// www.researchgate.net/publication/321221763_Articulacao_entre_a_Abordagem_Triangular_e_a_Teoria_dos_Campos_Conceituais_propondo_dialogos_entre_a_didatica_e_a_psicologia_cognitiva.

Essa relação entre ler (entende-se ainda como apreciar, ver), contextualizar e fazer, não tendo uma ordem hierárquica ou rígida de aplicação. É considerada, conforme palavras da própria autora, uma "proposta aberta à diferentes enfoques estéticos e metodológicos" (BARBOSA, 2014, p. 14). Sua aplicação permite explorar vários processos experimentais, pode ser trabalhada desde o ensino básico escolar, e é um pilar construtivo para e educação e o ensino da arte – como uma alfabetização para leitura de imagens.

Conforme já mencionada, a arte como experiência em Dewey provoca um entendimento acerca dessa experiência singular do sujeito, com destaque para a importância da ideia de percepção na relação estabelecida no contexto artístico, em que "a percepção substitui o mero reconhecimento" (DEWEY, 2010, p. 135).

Segundo Jorge Larrosa Bondía (2002), experiência é algo que acontece, acomete, toca a pessoa envolvida na ação, e ensina sobre esse sujeito, conforme seus escritos que seguem:

> [...] o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura. Trata-se, porém, de uma passividade anterior à oposição entre ativo e passivo, de uma passividade feita de paixão, de padecimento, de paciência, de atenção, como uma receptividade primeira, como uma disponibilidade fundamental, como uma abertura essencial. (BONDÍA, 2002, p. 24)

A sensibilidade e abertura que envolve o sujeito em ação permite pensar, conforme ensina Bondía, que “O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana” (BONDÍA, 2002, p.26). E essa potencialidade entre conhecimento e vida pode ser experimentado no contexto da arte, e para esta pesquisa, direcionado para o contexto de arte colaborativa e ensino da arte.

A relação arte e vida, portanto, permite pensar no projeto artístico “Guardanapos Poéticos” (2012), do artista brasileiro Daniel Viana, um projeto que aproxima arte e público, arte de rua, arte-ação, e outras linguagens, num fazer artístico que explora a memória, agrega arte colaborativa, e que vem apresentado no próximo capítulo.



um olhar para o artista

3. UM OLHAR PARA O ARTISTA

Seguindo o trabalho, após perpassar pela memória, arte colaborativa e ensino da arte, destaca-se, aqui, o artista Daniel Viana, e seu projeto artístico “Guardanapos Poéticos” (2012). Nesse projeto, o artista aproxima arte e público, num fazer artístico com arte-ação, performance, arte de rua, poesia, e outras linguagens, explora memória e arte colaborativa. Seria possível pensar numa relação de pertencimento e identidade a partir de sua poética?

Assim, o presente capítulo convida para um olhar para o artista, pensando em conhecer sobre ele, sua arte, especialmente a partir da contextualização e análise do seu projeto “Guardanapos Poéticos”.

Para esse percurso, tal encontro com os “Guardanapos Poéticos”, de Daniel Viana, vem sustentado e estudado a partir do seu livro “100 contos por 10 contos trocados” (2013), do seu texto “Poetas de rua: a via literária na via urbana” (2020) na “Revista do centro de pesquisa e formação” do Sesc São Paulo, do *Instagram* do artista, e do seu canal no *Youtube*.

Com isso, essa apresentação se dá em duas partes, por meio dos títulos “Daniel Viana, um artista plural” e “Seu projeto “Guardanapos Poéticos”, conforme segue.

3.1. Daniel Viana, um artista plural

Chega-se à arte e ao artista contemporâneo Daniel Viana.

O primeiro contato com Daniel, e seus trabalhos artísticos, incluindo o projeto “Guardanapos Poéticos” (2012), objeto desta pesquisa, se deu através de canais da *Internet*, conforme já apresentado na Introdução deste trabalho. Mineiro, natural de Poços de Caldas, Daniel hoje vive na cidade de São Paulo. É um artista plural, ator, dramaturgo, diretor teatral, performer, escritor, pesquisador.

Graduado em Letras, ele próprio se denomina poeta de rua, ou cita Antônio Cândido e sua literatura filha da cidade, relatos esses observados a partir de vídeos, depoimentos e entrevistas ao longo desta pesquisa.

O artista, ao contar sobre sua história e seu processo criativo, seu fazer artístico, cita o próprio pai, ao relatar suas memórias de infância em casa. Seu pai fazia poesias, bilhetes e escritos em guardanapos de papel, e os deixavam pela casa, ou dentro do estojo escolar, ou dentro dos sapatos do filho. Anos depois, Daniel resolve levar essas memórias para a rua, utilizando guardanapos de papel, algo muitas vezes considerado descartável, para os transformar em algo de valor através da sua arte. Viana desenvolve, então, o projeto chamado “Guardanapos Poéticos” (2012), através do qual cria poemas datilografados em máquina de escrever sobre guardanapos de papel.

A seguir, com as imagens retratadas nas Figuras 4 e 5, é possível observar o artista, sua máquina de escrever e sua instalação para os encontros com guardanapos, memórias e poesias:



Figura 4: “Guardanapos Poéticos”, o artista, Daniel Viana, 2019. Fotografia digital publicada no Instagram do artista em 10 de setembro de 2019. Fonte: Instagram @guardanapospoeticos.



Figura 5: "Guardanapos Poéticos", da série "Troco um causo por um conto", Daniel Viana, 2015. Fotografia digital publicada no Instagram do artista em 27 de novembro de 2015. Fonte: Instagram @guardanapospoeticos.

Viana, além do projeto "Guardanapos Poéticos" (2012), é também autor do livro "100 contos por 10 contos trocados" (2013). Esse livro traz algumas das poesias criadas pelo artista com sua máquina, em guardanapos de papel, e permite entender que sua arte vai além da criação dos poemas, com um projeto que inclui instalação, intervenções urbanas, distribuição de poemas pelas ruas e locais públicos.

Merece destaque, assim, a ação "Troco um causo por um conto", observada em registro na imagem da Figura 5, já apresentada, onde o artista se instala com uma mesa portátil, sua máquina de escrever e guardanapos, para interagir com o público. Esse público é formado por pessoas aleatórias, podem ser anônimas, nas ruas ou em locais coletivos, que sentam para um diálogo pessoal com o artista. Ali, eles contam um causo, expressam uma memória, um pensamento, e em contrapartida recebem um poema, de presente, escrito na hora pelo artista.

Eis, abaixo, um desses escritos, registrado em seu livro “100 contos por 10 contos trocados” (2013):

> DESABAFO
> “Cansei de ser descartável.
> Cansei de ser guardanapo.
> Virei poesia.”
> (VIANA, 2013, p. 5)

Cabe ressaltar, ainda, que essas intervenções artísticas de Viana, apesar de efêmeras como ato, se eternizam não só para as pessoas que participam desses encontros, e recebem um poema, como também chegam a um novo público, que pode apreciar essa arte por meio de eventuais registros em fotografias e vídeos, alguns acessíveis pela *Internet* – o artista mantém canais virtuais no *Facebook*, *Instagram* e *Youtube* chamados “Guardanapos Poéticos”.

Além da ação “Troco um causo por um conto”, merecem destaque outros trabalhos de Daniel Viana. O artista realiza projetos com o Grupo “Sobrevento” de teatro, cujas peças podem ser acompanhadas por canais da *Internet,* como *Instagram* e *Youtube*, por exemplo, assistidas presencialmente na cidade de São Paulo, ou em suas visitas por outras localidades, como a ocorrida nesta cidade de Bauru, no último dia 21 de outubro, com a peça “O amigo fiel”. Outras ações e instalações artísticas podem ser apreciadas por meio da atividade denominada “Bala_vras”, com uso de palavras sortidas, e com doces balas também sortidas, em que palavras podem ser sorteadas ou sugeridas pelo público, e que se tornam poesias criadas pelo artista.

Ademais, Viana traz em do seu texto “Poetas de rua: a via literária na via urbana” (2020), disponível na “Revista do centro de pesquisa e formação” do Sesc São Paulo, outras ações artísticas, como a chamada “Doação – Aceito Roupas e Histórias”, também conhecida como “Vestido de Poesia” (2016), um projeto em que o artista permaneceu num mesmo local por uma semana, onde recebia peças de roupas em doação. Um doador, ao fazer sua entrega, era convidado a dividir, com o artista, uma memória pessoal ligada àquela peça de roupa. Esses relatos viriam, então, transformados em breves poemas, datilografados em tecidos, e que virariam etiqueta poética daquela peça de roupa doada.

Por fim, retoma-se o projeto artístico de Viana chamado “Guardanapos Poéticos” (2012), já apresentado, e objeto destes estudos, que será visitado, contextualizado e analisado a seguir.

3.2. Seu projeto “Guardanapos Poéticos”

A importância do projeto “Guardanapos Poéticos” (2012), que é parte fundamental na construção dessa pesquisa, pede e merece este título específico.

O encontro deste autor com Daniel Viana, e seus “Guardanapos Poéticos”, ocorreu na *Internet,* através de seu perfil no *Instagram,* e também por seu canal no *Youtube*. Na Figura 6 abaixo, é possível observar um registro do projeto, no qual o artista cria poemas datilografados em máquina de escrever sobre guardanapos de papel:

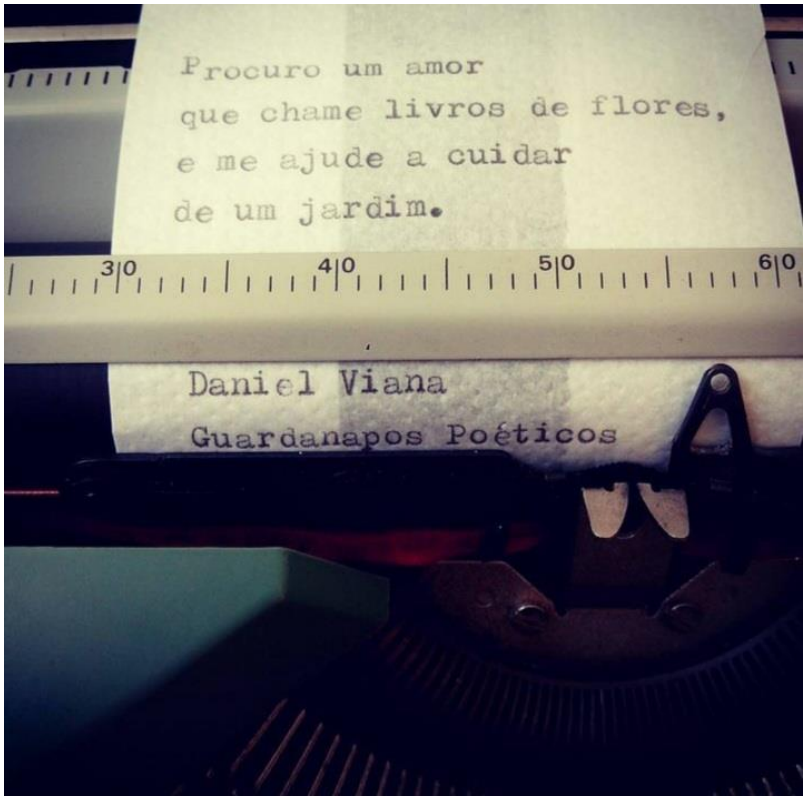


Figura 6: “Guardanapos Poéticos”, poema, Daniel Viana, 2016. Fotografia digital publicada no Instagram do artista em 08 de junho de 2016. Fonte: Instagram @guardanapospoeticos.

A empatia com o artista e com a sensibilidade desse seu projeto foram imediatas. Inicialmente, esse encontro se deu por meio digital, com o *Instagram*, e depois pelo *Youtube*, para finalmente chegar ao livro físico “100 contos por 10 contos trocados” (2013), adquirido em um *site* para vendas de livros usados na *Internet.* Assim, foi possível acompanhar o artista, e o referido projeto pôde ser visto, explorado e revisitado várias vezes.

Ao assistir às entrevistas, reportagens e registros em vídeos, especialmente naquele canal pelo *Youtube,* a identidade com aquelas intervenções urbanas e a sensação de pertencimento, em sentir-se parte daquelas realidades, só aumentavam. Aquelas ações, cenas e imagens despertavam lembranças pessoais, memórias, a infância por meio da máquina de escrever portátil, bem como recordações de momentos e lugares da cidade de São Paulo por onde este autor viveu, trabalhou, percorreu, e que havia deixado há pouco tempo. Tais sentimentos permitem, ainda, uma aproximação com o artista, sua poética, sua poesia, e também com as pessoas envolvidas nos encontros do projeto “Guardanapos Poéticos”. Esse público, mesmo se formado por pessoas anônimas, podem espelhar uma identidade, como a projeção de um possível encontro casual com aquela cena tão sensível, tão artística. Destaca-se, a seguir, na Figura 7, um registro do artista em cena:



Figura 7: “Guardanapos Poéticos”, encontro, Daniel Viana, 2018. Fotografia digital publicada no Instagram do artista em 13 de abril de 2018. Fonte: Instagram @guardanapospoeticos.

A partir dessa projeção de pertencimento, como espectador anônimo, frente àquelas ações do “Projeto” assistidas pela *Internet,* cabe destacar, aqui, um episódio

pessoal do autor ao experienciar um encontro com Daniel Viana. Tal encontro aconteceu de forma *on-line*, com a participação em uma *Live* com o artista – uma intervenção artística e digital pelo seu canal no *Instagram*, no dia 17 de abril de 2020. A ação do artista se deu a partir de uma sua provocação prévia, naquele canal, procurando despertar memórias pessoais sobre a infância. O público era convidado a escrever uma memória, e o artista traria, numa futura *Live,* um encontro remoto e ao vivo, um poema a partir daqueles relatos. Foi assim que, durante tal encontro, este autor recebeu ao vivo um poema, podendo experimentar a sensação de estar sentado diante de Daniel Viana. Mesmo remotamente, foi possível sentir-se parte daquele ato artístico, como protagonista naquela projeção de pertencimento anteriormente vivida à distância como espectador anônimo. Assim, segue uma transcrição do poema criado por Viana, com a participação do autor, e lido durante tal encontro:

> O despertador da manhã era o cheiro de bolo pão de ló da vó. Eu espreguiçava meus sonhos, e corria pra cozinha pra comer as rebarbas da felicidade – era assim que eu chamava os cantinhos dos bolos que a vó tirava antes de enfeitá-los para os casamentos. Glacês coloridos viravam flores comestíveis nas bisnagas mágicas que ela guardava na segunda gaveta da cozinha. Às vezes a vó fazia uma flor na palma da minha mão para eu comer. Foi assim que aprendi a cuidar do jardim que ela plantou dentro de mim. (VIANA, 2020)

Diante do exposto, merece destaque a importância das mídias digitais, especialmente os vídeos, e os registros do artista e seu projeto por meio de seus canais na *Internet.* Tais plataformas se mostram como ferramentas de acesso, como ponte entre o artista e o público, com seu projeto e seus desdobramentos. Tal ponte, e consequente proximidade com o artista, inclusive de forma interativa, pode proporcionar uma relação mais afetiva e humanizada com a própria mídia, e com a arte ali presente. Esses meios permitem, ainda, arquivar, proteger e mostrar atos e momentos artísticos de uma arte efêmera, que já aconteceu, permanecendo então materializada.

Uma vez destacada uma relação de pertencimento entre artista, seu projeto, e o público envolvido, cabe apresentar uma reflexão acerca de elementos que norteiam nossa pesquisa, como memória e arte colaborativa. O projeto “Guardanapos Poéticos” permite ressignificar memórias, e trazer com poesia a experiência de fazer história de Benjamin (BENJAMIN, 1987). A abordagem provocada por Viana, diante de uma pessoa anônima, ou mesmo a sensação do espectador ao presenciar um ato do

“Projeto”, ou mesmo ao assistir a registros de uma dessas cenas artísticas, podem acionar as próprias memórias, imagéticas, afetivas, e assim se estabelece uma ligação com um lugar, com um causo, com uma situação. Essa realidade de identificação, proximidade, de afeto, alegria, provocada por Daniel e seus “Guardanapos Poéticos” em ambientes públicos, com os envolvidos, com resgates e construções de memórias, com trocas, arte e poesia, pode ser observado na Figura 8 a seguir:



Figura 8: “Guardanapos Poéticos”, da série “Troco um causo por um conto”, Daniel Viana, 2020. Fotografia digital publicada no Instagram do artista em 11 de fevereiro de 2020. Fonte: Instagram @guardanapospoeticos.

No livro “Narrativas Visuais: um encontro com a poética da memória” (2020), os autores refletem sobre uma ação, e esse lugar de ação, “no qual um não lugar transforma-se em um lugar, um lugar territorializado e de memória, no qual se instalou e foi preenchido de afetividade” (SALES et al., 2020, p. 23). Esse trecho, já citado na página 20 deste trabalho, permite pensar na relação construída entre a arte de Viana, as pessoas e as memórias envolvidas. Destaca-se, então, o olhar para o referido projeto também como ação participativa, como arte colaborativa.

Ademais, muitas vezes a forma sensível com que o artista vai ao encontro do outro, das suas memórias, histórias, se dá no meio do caos, seja urbano, seja emocional. Assim, cabe destacar aqui a relação da arte de Daniel Viana com o meio, o ambiente, a cidade: “A cidade é fonte de produção artística, sendo protagonista e plano de fundo de diversas obras” (VIANA, 2020, p.72).

Viana em suas intervenções traz elementos híbridos, transdisciplinares, com expressões de arte individual, arte coletiva, associando ao visual da performance também a arte literária, por exemplo. Sua arte, como o próprio Viana relata, permite tocar a fragilidade da literatura, a fragilidade humana. O encontro do público com o projeto “Guardanapos Poéticos”, seja presencialmente, ou por imagem, vídeo, registros, pode conduzir ao resgate das próprias memórias vividas, de modo afetivo, sensível, bem como despertar essa sensibilidade na construção de novas memórias, numa relação atemporal entre passado, presente e futuro. E, ainda, pode levar a uma relação mais sensível consigo, com a arte, com a performance, com a literatura, com a cidade, com o ambiente, com as pessoas, ressignificando histórias.



Figura 9: “Guardanapos Poéticos”, da série “Troco um causo por um conto”, Daniel Viana, 2017. Fotografia digital publicada no Instagram do artista em 16 de dezembro de 2017. Fonte: Instagram @guardanapospoeticos.

Com a Figura 9 apresentada, faz-se um convite para olhar o projeto “Guardanapos Poéticos”, e procurar sentir uma relação de afeto e de pertencimento, simbolicamente representada por meio do abraço.

Eis uma ação artística, arte instalação, arte ambiente, arte poesia, arte participativa e colaborativa, que se faz simples, acessível, provocativa, afetiva. E um artista que, com sua arte, faz companhia e abraça, muitas vezes no meio do caos.

Merece destaque um trecho do texto “Poetas de rua: a via literária na via urbana” (2020), do próprio Viana, em que o artista ensina:

> O poeta, corpo presente na rua, desconstrói a aura sagrada do escritor como um ser intocável, cultuado, distante. É o poeta possível, com voz própria, um cidadão comum, um operário da palavra. São homens e mulheres que teimam em espalhar seus poemas pelas ruas, através da linguagem oral e escrita, sendo muitas vezes, considerados vândalos, loucos, utópicos; justamente por compreenderem que a palavra tem poder e a poesia é um instrumento que fomenta a transformação social. (VIANA, 2020, p.87)

Desse encontro com o artista, traça-se um percurso pela memória a partir do projeto artístico “Guardanapos Poéticos” (2012) de Viana, com uma reflexão acerca dessa ação artística como arte colaborativa, arte como mediação cultural, e sua relação e aplicação no ensino da arte, trabalhados no próximo capítulo.



um olhar de pertencimento

4. UM OLHAR DE PERTENCIMENTO

Com um olhar para o artista Daniel Viana, e seu projeto artístico “Guardanapos Poéticos” (2012), convida-se para um olhar para si, e para as próprias memórias.

Com isso, pode-se pensar em como seria um eventual encontro com aquele artista, com seus guardanapos e sua poesia. Em seu projeto, conforme visto, Viana aproxima arte e vida, numa ação artística diversificada, provocativa, afetiva, e que permite pensar numa relação de pertencimento, de identidade, a partir de sua poética.

Retomando o propósito de investigar e relacionar a memória e a arte colaborativa, o presente capítulo faz uma reflexão sobre a memória a partir do projeto “Guardanapos Poéticos” de Viana. E então, propõe continuar esse percurso com algumas ideias, pensamentos e autores, procurando retomar e explorar, ainda, a relação entre aquele projeto com a arte colaborativa, desta com mediação cultural, e então uma possível aplicação desses elos com o ensino da arte.

Assim, referido percurso vem dividido em três partes, apresentadas a seguir como “A memória a partir do projeto ‘Guardanapos Poéticos’”, “Arte colaborativa como mediação cultural” e “Sua aplicação no ensino da arte”.

4.1. A memória a partir do projeto “Guardanapos Poéticos”

Na abertura do capítulo anterior deste trabalho, ao chamar para um olhar para o artista Daniel Viana, foi colocada uma questão sobre ser possível pensar numa relação de pertencimento e identidade com sua arte, por parte do público, a partir de sua poética. Com o desenvolvimento desta pesquisa, e com a percepção deste autor, a afirmação para essa reflexão é positiva. Sim, é possível pensar numa relação de pertencimento a partir da poética de Daniel Viana e seus “Guardanapos Poéticos”.

Essa sensação de pertencimento permite, assim, uma aproximação com o artista e sua arte. Além disso, seja como parte de uma ação artística, e também pensando como observadores, como público presente ou frente aos registros das ações do seu projeto “Guardanapos Poéticos”, disponibilizados na *Internet*, a relação de pertencimento pode se estender também às pessoas envolvidas naqueles encontros. Identifica-se, pois, abertura, abrangência, pluralidade, e os efeitos desse projeto artístico e cultural, expressão de arte colaborativa, com ações participativas,

podem provocar no público tal relação de pertencimento, ativando seu campo da memória e levando-o a ser parte da obra.

Essa experiência sensível com a arte de Viana despertou memórias neste autor, aproximando-o do artista e seus projetos, provocando e proporcionando o desenvolvimento desta pesquisa.

Interessante notar, ainda, que a provocação das próprias memórias pode ser observada também no artista, por exemplo, quando Viana conta suas memórias de infância com os escritos do pai em guardanapos de papel. Outro exemplo do efeito da poética da memória em Viana se dá com um escrito publicado em seu perfil do *Instagram* em 16 de março de 2018 – e o visual dessas suas palavras se completa com a imagem à qual faz legenda, apresentada na Figura 10, logo após a transcrição da referida publicação: “Parece bobagem, mas fiquei emocionado ao encontrar o Daniel de horas atrás me esperando de volta. O Daniel que chegou é diferente daquele que saiu cedinho, deixando um texto para terminar depois, de quando a urgência batia à porta. Sejamos fortes!” (GUARDANAPOS POÉTICOS, 2018).



Figura 10: “Guardanapos Poéticos”, memória, Daniel Viana, 2018. Fotografia digital publicada no Instagram do artista em 16 de março de 2018. Fonte: Instagram @guardanapospoeticos.

A reflexão acerca da memória despertada pela arte, e a sensação pessoal de pertencimento permite relembrar as obras coletivas e participativas dos artistas Hélio Oiticica e Lygia Pape, já citados. Cabe, aqui, uma referência a outra artista, atuante ao lado de Oiticica e Pape, a artista contemporânea, suíça radicada no Brasil, Mira Schendel (1919 – 1988) – a identificação e as memórias com suas obras, especialmente as criadas com papel, remetem aos guardanapos de Viana, inspirações para a composição, por este autor, da imagem de abertura deste trabalho.

A memória se faz atemporal, pode-se resgatar, despertar e ressignificar memórias passadas, experienciadas, ou construir novas memórias. Pode-se alimentar um repertório pessoal de memórias. A arte pode provocar o acesso pessoal desse lugar de memórias, ao se ver ou fazer arte, com o processo criativo, com uma experiência artística, com uma experiência estética.

Daniel Viana, e seus “Guardanapos Poéticos”, provocam e permitem a construção de vínculo poético. Essa relação entre o artista e o outro transforma, mesmo diante de uma ação efêmera, de um público anônimo, e um encontro poético se faz, a arte se faz, e se faz memória.

Por fim, resta um convite para olhar para o artista também como mediador, ponte entre arte e público, um mediador cultural. E, com essa reflexão, abre-se o próximo título “Arte colaborativa como mediação cultural”.

4.2. Arte colaborativa como mediação cultural

Este trabalho se desenvolve pautado na reflexão sobre uma arte acessível, capaz de humanizar e sensibilizar as relações entre as pessoas envolvidas, de cada sujeito consigo, com suas memórias, com a própria arte, com o ambiente, a cidade, num movimento dinâmico, envolvente, importante e relevante para a cultura contemporânea.

Cabe retomar, aqui, a ideia de arte como um processo formativo do ser humano, numa relação entre arte, criatividade e existência. Daniel Viana, com sua poética, suas intervenções e demais trabalhos artísticos, com arte colaborativa e participativa, aproxima arte e vida, arte e público.

Faz pensar, então, na ideia de intervenção artística como ação mediadora. Observar o projeto “Guardanapos Poéticos” em estudo, permite olhar para o artista

Daniel Viana também como mediador, com suas instalações e intervenções, agente artístico e cultural, numa ponte entre arte e público.

Novamente retomando os artistas Hélio Oiticica e Lygia Pape, e algumas considerações apresentadas sobre eles, vale destacar a arte participativa, acessada pelo público, como um exercício experimental de liberdade. A relação estabelecida entre arte e vida, traz a percepção de humanização do processo de criação artística, de liberdade criativa, de experiência estética. Outro destaque é a classificação que Oiticica dava a sua obra, chamando-a de arte ambiente, ou ambiental. Ademais, conceitos e ideias sobre a ponte entre arte e cultura, arte coletiva, arte em processo, se dá também pela obra “Divisor”, de 1968, da artista Lygia Pape (já citada e observada na Figura 2). Tal obra projeta o efeito de ser coletivo, movente, unidos por uma pele comum, que gera força, comunidade, pertencimento.

Tais percepções se aproximam do projeto “Guardanapos Poéticos”, de Viana, com suas ações na cidade, em espaços públicos, numa arte ambiental, em relação com o meio, com arte experimental, arte coletiva, comunitária, com resgates de identidades pessoais e culturais por meio de ações, lembranças e memórias.

A partir do pensamento de arte como experiência, processo, expressão cultural, e de arte coletiva, participativa e colaborativa, é possível pensar também na ideia de troca, de ponte, de relação. Assim, aproximam-se as ideias acerca de arte colaborativa e mediação. Nesse sentido, a partir do referido projeto “Guardanapos Poéticos”, traz-se um olhar para a arte de Viana, para suas ações participativas e colaborativas, estendendo uma reflexão sobre arte colaborativa e mediação cultural.

Cabe pensar, então, que mediação traz a ideia de ponte, convite, de meio de acesso, envolvendo coisas e pessoas, lida com histórias pessoais e coletivas, provoca reflexões, questionamentos, e pode provocar e acessar o campo da memória. As autoras Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque, no livro “Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura” (2012) ensinam sobre o conceito de ser mediador:

> Ser mediador, mobilizando a aprendizagem cultural da arte, é encontrar brechas de acesso, tangenciando assim os desejos, interesses e necessidades destes aprendizes, antenados aos saberes, sentimentos e informações que eles também transmitem, participando do complexo processo de comunicação. (MARTINS, PICOSQUE, 2012, p. 18)

Já Mirian Celeste Martins, em seu texto “Mediações Culturais e contaminações estéticas” (2014), traça vários vieses e significados para o conceito de mediação, permitindo entender como sinônimo de apresentação, de explicação ou informação, outras vezes traz a ideia de conhecimento e aprendizagem. A autora relaciona, ainda, a ideia de mediação a pessoas e seus territórios, e a memórias pessoais. Ali, Martins comenta um processo de mediação entre público e obra de arte, numa alegoria, numa metáfora com medicamentos, um medicamento a ser tomado. Assim, participar de uma ação mediada permite experienciar uma ideia de provocação, de estímulo para aquela experiência artística, poética, estética, conforme indica, numa sensação de:

> [...] levar de fora para dentro algo que mova cada sujeito para o mergulho nas sensações, na percepção sensível, no agitar de todos os sentidos e em todos os sentidos do corpo que também pensa e se expressa. E, puxar de dentro, a potencialidade e abertura para encontros com a arte e a cultura. (MARTINS, 2014, p. 249-250)

Com as percepções das referidas autoras acerca de mediação e do ser mediador, as ideias de arte como experiência, coletiva e colaborativa, e as provocações que vêm sendo observadas a partir do projeto “Guardanapos Poéticos” de Daniel Viana, juntamente com a reflexão indicada sobre arte colaborativa e mediação cultural, faz-se o convite para observar esse artista sob esse viés mediador.

Ademais, diante da ideia de pertencimento explorada, e que advém do processo artístico de Viana, pode-se pensar na relação entre arte colaborativa e mediação cultural a partir daquele seu projeto. Ainda com as autoras Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque (2012), importante, então, destacar seus ensinamentos sobre mediação cultural, e seus desdobramentos, conforme o trecho a seguir:

> Mediação cultural. Agregar à mediação o conceito de cultura gera novas conexões, tanto na relação com o contexto cultural da obra como no contexto cultural de quem é afetado por ela. E aí não podemos falar apenas de estar no meio entre dois, mas um “estar entre muitos”, de modo ativo, flexível, propositor, atento ao outro. (MARTINS, PICOSQUE, 2012, p. 47)

Assim, pensando sobre arte colaborativa e mediação, com olhares de pertencimento para o projeto “Guardanapos Poéticos” de Viana, o próximo título traz reflexões sobre essas pautas, sobre o projeto e sua aplicação no ensino da arte.

4.3. Sua aplicação no ensino da arte

Visando dar continuidade às reflexões acerca da arte colaborativa, da memória, e sua relação poética a partir do projeto artístico “Guardanapos Poéticos” de Daniel Viana, este capítulo prossegue com considerações acerca da aplicação desse projeto no ensino da arte.

Pretendendo contextualizar e relacionar esta pesquisa com o ensino da arte, e a partir da provocação levantada inicialmente, considera-se que, por meio da arte, e de uma arte colaborativa, é possível estabelecer relação de pertencimento com a arte e seu fazer artístico, provocando nos envolvidos um encontro com a própria poética da memória, numa prática artística que pode ser, sim, aplicada e desenvolvida no contexto da arte-educação, do ensino da arte.

O referido projeto “Guardanapos Poéticos” é envolvente, provoca e pode agregar as pessoas envolvidas em suas ações, proporciona construção de vínculo poético, sensação de pertencimento, estabelecendo uma relação de troca e de ponte, mediando arte e público. Essa possibilidade de trocas entre as partes envolvidas permite pensar, ainda, na relação de troca estabelecida no contexto de ensino e aprendizagem. Uma relação de troca, potencializada pela poética artística, pode envolver reciprocidade, memórias, saberes, anseios, num processo construtivo e plural de comunicação e expressão, tanto artística, como pessoal, coletiva e cultural.

O livro “Narrativas Visuais: um encontro com a poética da memória” (2020), dos autores Roberto Lima Sales, Mariane Freiesleben e Patrícia Luciano de Farias Teixeira, já citado outras vezes, aborda a ideia de cultura, origem, memória, relaciona tempo e espaço, explora narrativas, bem como as trocas no contexto de ensino e aprendizagem de arte, de forma coletiva, e com práticas artístico-pedagógicas. Projeta arte colaborativa, o ensino da arte, e potencializa memórias. Fala de arte e memória coletivas. Fala de poética da memória.

Cabe destacar a realização das práticas artísticas no projeto chamado “Narrativas Visuais” (2019), explorado naquele livro, e que envolveu a interação entre escola e comunidade, em Paraíso do Tocantins (TO). Tais atividades procuravam valorizar cada participante, com suas poéticas e subjetividades, registradas por eles numa espécie de diário de bordo, que viriam colocadas em comum em rodas de conversas. Um dos trabalhos artísticos realizados no projeto foi o chamado “Poetas

dos Passantes”, a partir das narrativas e histórias sobre um menino, engraxate e artista de rua – autodeclarado poeta e desenhista, que inspirou alguns jovens artistas do projeto a fazerem uma obra coletiva, observada na Figura 11 abaixo:



Figura 11: Narrativa Visual “O Poeta dos Passantes”, de autoria de Marcos, Felipe, Lucia, Rafaela e Leonardo, 2019. Fonte: acervo do projeto “Narrativas Visuais: a Vida como Obra de Arte”, 2019 (SALES et al., 2020, p. 58).

Essa obra é fruto de um projeto social e artístico, envolvendo jovens, num processo criativo que explora o contexto cultural e social da comunidade, arte em várias linguagens e materialidades, arte como experiência, arte ambiente, arte colaborativa, memórias e suas poéticas, e ensino de arte. Importante, ainda, destacar e citar a relação de sensibilidade, conforme se lê:

> Diante dessa problemática social, torna-se emergente resgatar e potencializar, sobretudo nos jovens, imersos nesse mundo de visualidades excessivas e de tecnologias (em parte) individualizantes, a sensibilidade do olhar, do toque, dos gestos, do diálogo e da interação com o outro. (SALES et al., 2020, p. 11)

Pensar nesse processo artístico, na relação de trocas e experiências, de sensibilidades, faz pensar num processo formativo do humano, envolvendo conhecimentos de si, das próprias origens, e do próximo, num percurso de

autoconhecimento e auto respeito. Pode permite, também, a valorização da diversidade cultural, de valores originários, locais, familiares, e a importância da arte para potencializar essa pluralidade.

Assim, diante dessa ideia de projeto artístico, envolvendo arte e comunidade, retoma-se, aqui, as autoras Miriam Celeste Martins e Gisa Picosque (2012), que comentam, em primeira pessoa, sobre essa abordagem, arte e vida e ensino da arte, e ensinam: “Como professores-escavadores de sentido podemos nos tornar propositores, como Lygia Clark e Hélio Oiticica, esgarçando a percepção dos alunos por meio da materialidade da arte, fazendo dessa experiência um encontro de outra ordem com a arte e as coisas da vida” (MARTINS, PICOSQUE, 2012, p. 120)

Com isso, é possível olhar, novamente, para os exemplos de obras e artistas já indicados, como os neoconcretistas Hélio Oiticica e Lygia Pape, a ali citada Lygia Clark, ao projeto “Narrativas Visuais”, e ao projeto “Guardanapos Poéticos”, ações participativas, como provocadores e exemplos para práticas que envolvam arte, arte colaborativa, numa relação de ensino da arte. Uma experiência sensível, e sua percepção a partir da arte, do processo criativo, e suas práticas no contexto de ensino e aprendizagem de arte, pode contribuir e potencializar o desenvolvimento do sujeito.

Merece destaque, pois, as palavras de Robson Corrêa de Camargo (2019), em seu texto “Novas sensibilidades, performances e o neoconcretismo: o exercício experimental de liberdade de Hélio Oiticica” sobre a experiência de liberdade, de memória e de sensível nas obras de Oiticica, conforme se vê:

> O sensível que estrutura a obra de arte tem que ser entendido de forma abrangente, pois este pode ser, não apenas o sentimento, a emoção ou a sensação, mas também a imaginação, a memória e o raciocínio dentro do processo. A experiência de sensível (felt experience), experiência sentida, é elaborada por nós no processo superior de desenvolvimento, intelectualizada e socializada com a evolução da fala e o desenvolvimento das funções comunicativas. (CAMARGO, 2019, p. 12)

Seguindo com essas reflexões sobre arte, arte como experiência e ensino da arte, retomando os objetos desta pesquisa envolvendo arte colaborativa, memória, e suas poéticas a partir do projeto de Daniel Viana, e a ideia de pertencimento, cabe destacar, aqui, teóricos como Paulo Freire, John Dewey e Ana Mae Barbosa, cujos ensinamentos são pilares na construção do entendimento e pensamento sobre arte, arte-educação e ensino da arte, e que também orientam o entendimento sobre o projeto “Guardanapos Poéticos” nesse contexto de ensino e aprendizagem.

Assim, importante observar as palavras de Ana Mae Barbosa (2014) sobre arte-educação, conforme segue:

> Arte/educação é epistemologia da arte como pressuposto e como meio, são os modos de inter-relacionamento entre a arte e o público, ou melhor, a intermediação entre o objeto de arte e o apreciador.
> Nem a arte/educação como investigação dos modos pelos quais se aprende arte nem a arte/educação como facilitadora entre a arte e público podem prescindir da inter-relação entre história da arte, leitura da obra de arte, fazer artístico e contextualização.
> Só um fazer consciente e informado torna possível a aprendizagem de arte. (BARBOSA, 2014, p. 33)

Nutridos com os ensinamentos de Barbosa, vale destacar a ideia de arte-educação como meio, como inter-relacionamento entre arte e público, remete-se à ideia de mediação, permite pensar em arte colaborativa e no projeto “Guardanapos Poéticos” como objeto de arte, cujo público participa ou assiste a ação artística. E, então, destaca-se a importância e necessidade dessa relação se desenvolver, no contexto de ensino e aprendizagem, uma prática que pode ser sustentada pela “Proposta Triangular” de Barbosa, aqui lembrada: “LEITURA DA OBRA DE ARTE, FAZER ARTÍSTICO E CONTEXTUALIZAÇÃO” (BARBOSA, 2014, p. 35).

Especial atenção se dá neste trabalho em valorizar a relação de ensino e aprendizagem com a arte de Daniel Viana. Ademais, importante notar e destacar os direcionamentos propostos por Daniele de Sá Alves (2021) ao analisar arte, artistas, processos de criação e sua interação com o público, bem como em relação ao ensino da arte na contemporaneidade:

> Ao compor uma curadoria com artistas contemporâneos que têm em suas obras a valorização do processo de criação e de interação com o público, problematiza-se a potência da experiência da arte, com arte e em arte como caminho de formação humana - docente e discente. O que podemos aprender com as obras e processos de criação dos artistas aqui reunidos? Ensinar e aprender arte na contemporaneidade exige repensar parâmetros, referências, metodologias, material didático e até mesmo a materialidade constituinte não só da arte contemporânea mas também da educação contemporânea, e, sobretudo, da própria sociedade contemporânea e todas as experiências que os tempos atuais têm proporcionado. (ALVES, 2021, p. 222)

Cabe pensar no contexto artístico de Viana, em seu processo de arte vivida como experiência, conforme ensinado em Dewey (2010), e que proporciona uma relação de pertencimento do público, que pode participar e sentir-se parte da obra. É

capaz de provocar a memória, convidando a sensibilizar e identificar uma poética da memória. Pode-se, então, pensar naquele artista como um mediador em relação ao público. Estende-se, pois, esse olhar para a arte-educação, para a relação de ensino e aprendizagem, também entre aluno e professor em sala de aula, entre alunos, entre professores, entre colegas da comunidade escolar, entre pessoas num ambiente de educação não formal ou informal. Pode-se pensar, ainda, numa relação de troca entre os agentes envolvidos, no contexto de arte colaborativa, onde artista e público são protagonistas, artista se torna público, público se torna artista; professor ensina e aprende, aluno ensina e aprende; aluno e professor se ressignificam como artistas, artista e público, reciprocamente.

A partir do projeto “Guardanapos Poéticos” de Daniel Viana, portanto, é possível notar a possibilidade de reciprocidade entre artista e público, entre as pessoas envolvidas na ação, com construção de vínculo poético, afetivo, verdadeiro e artístico. Mesmo diante de uma ação efêmera, a relação de vínculo estabelecida permanece, diante do encontro, do ato, do sorriso, da provocação de memória, por exemplo.

A efemeridade de uma abordagem permite pensar, também, na figura de um professor, na sua postura pessoal diante de uma ação de transformação, protagonista no processo de construção de conhecimento. Um aluno pode ser anônimo diante de um professor, que talvez não retome esse contato, mas uma ação, uma troca é capaz de gerar memória para uma vida toda, se tornando inesquecível.

Pensar na importância da ação de um professor, permite pensar na pluralidade de público que esse encontra, constrói vínculos, estabelece relações de trocas no contexto de ensino e aprendizagem. Essa relação entre professor e aluno pode transcorrer durante todo um ensino básico ou acadêmico, pode ser durante uma única aula, pode acontecer fora do ambiente escolar.

Com isso, é possível pensar na figura de um professor de arte, e aproximar esse sujeito à figura de um artista, que se coloca em ação diante de uma intervenção, de uma cena, de um processo criativo, aproximando arte e vida, arte como experiência, despertando poética e construindo memórias, conforme se observa ao longo desta pesquisa.

Cabe imaginar a ideia do professor que é também artista, ou do artista que é também professor. Esse pensamento sobre um professor artista pode ir além da sala

de aula, e se estender para ambientes de educação não-formal ou informal, para museus, espaços públicos, e outros ambientes. É possível pensar no professor como mediador artístico e cultural.

Cabe, portanto, pensar na figura do artista Daniel Viana como artista e professor, como mediador, e na potência de seus projetos, especialmente seus "Guardanapos Poéticos", também como agente transformador para além da cena artística, como no contexto de ensino e aprendizagem, de ensino da arte. O artista, com sua poética, é capaz de despertar poéticas, explorar memórias, e com isso aproximar a arte do público – é artista, é mediador, e pode transformar essa relação do público consigo e com a arte, sendo, pois, artista professor.

E, ao recordar os ensinamentos de Ana Mae Barbosa, nos pilares da sua "Proposta Triangular", envolvendo a apreciação, contextualização, e fazer artístico, permite pensar em Viana e seus guardanapos como objeto artístico em sala de aula, permitindo que aqueles pilares venham explorados, diante desse artista que explora arte participativa e colaborativa, potencializando memórias, potencializando saberes.

É importante, pois, reiterar o papel transformador que a arte proporciona às pessoas, à cultura. As reflexões aqui desenvolvidas perpassam pela arte, pelo sujeito, relacionando arte colaborativa, arte-educação, ensino da arte, a partir de um projeto artístico em que Daniel Viana aproxima arte e público e sensibiliza poéticas da memória. Pensar em arte, em cultura, em ensino e aprendizagem, com a valorização e humanização do sujeito, buscando seu fortalecimento como indivíduo, sua importância social, individual e coletiva, proporcionando entendimento de si e de mundo, construção de pensamento, com autonomia e liberdade, e leva a pensar em Paulo Freire.

Com este trabalho acadêmico, refletindo sobre arte e ensino de arte, pensando na necessidade da educação, formal, informal ou não formal, pensando em arte e cultura, em liberdade, e na construção de memórias, destacam-se as seguintes palavras de Freire (1996):

> Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que professor e alunos juntos podemos aprender, ensinar, inquietar-nos, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos à nossa alegria. (FREIRE, 1996, p. 29)

O acesso à arte, ao ensino de arte, e suas práticas permitem pensar em alegria e liberdade frente a construção de pensamentos e repertórios, e ter esperança no desenvolvimento educacional, artístico e cultural. E com um olhar para as práticas artísticas de Daniel Viana, como a poesia de rua e seus “Guardanapos Poéticos”, o teatro, o artista ensina, ainda, práticas artísticas que envolvem a cidade, as comunidades, num cenário de arte com experiência, encontro, evento entre escolas, fazendo pontes entre escola, comunidade, periferia. Com isso, envolve arte literária, poesia, como o *slam* – derivado do termo em inglês, que significa batida, e consiste numa competição envolvendo poesias autorais, dentro de um intervalo de tempo, e em diversas temáticas – ou saraus, e que envolvem poetas na cultura contemporânea:

> Os saraus podem acontecer em qualquer lugar, ocupam espaços públicos e privados: museus, teatros, galerias de arte, centros culturais, centros comunitários, escolas, asilos, igrejas, ONGs, quadras de esporte, praças, ruas, esquinas, calçadas, transportes públicos ou até olho no olho, embaixo de um guarda-chuva. O poeta Giovani Baffô, transforma um guarda-chuva estilizado em uma mini arena ambulante para apresentar “O menor sarau do mundo”, um sarau itinerante onde a palavra é o astro principal. (VIANA, 2020, p.74)

Além do *slam* e dos saraus, outros exemplos de práticas artísticas, envolvendo arte em linguagens diversificadas, arte colaborativa, arte e cidade, arte como experiência, podem ser observados nas batalhas de rimas, no *hip-hop*, na arte mural, lambe-lambe, painéis, grafite, pixo, estêncil, na arte escrita e palavra imagem.

Pensar em arte, em acessar e aprender arte, em ensinar arte, passa pelo olhar de pertencimento, pela poética da memória, e pelas experiências e práticas artísticas. Daniel Viana humaniza e potencializa, com sua arte, sua poética e sensibilidades, tais fazeres artísticos, estéticos e culturais.

Antes de apresentar as últimas considerações deste trabalho, cabe registrar que as reflexões aqui desenvolvidas, envolvendo arte colaborativa, memória, e a poética a partir do projeto artístico “Guardanapos Poéticos” de Daniel Viana, e sua relação com o ensino da arte, foram pesquisadas e conduzidas com alegria e serenidade, fruto de um processo construtivo nutrido por estudos, olhares, curiosidades, e por memórias – muitas despertadas por Viana e suas ações artísticas.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As presentes considerações, aqui chamadas de “Considerações finais”, não concluem a pesquisa deste trabalho, apenas fecham um percurso de ideias e reflexões, que segue aberto e em movimento, numa dinâmica pautada pela relação arte e vida.

Importante destacar, nesse contexto, a forma como estes estudos foram conduzidos. Conforme indicado nas últimas linhas do capítulo anterior, esta pesquisa vem sendo realizada com alegria e serenidade, com leveza, dentro de um processo construtivo de reflexões, com temas, abordagens e ideias nutridas por estudos, olhares, curiosidades, e com muitas provocações e memórias despertadas pelo artista Daniel Viana, seu projeto “Guardanapos Poéticos” (2012), e suas ações artísticas. A oportunidade de realização deste Trabalho de Conclusão de Curso em Artes Visuais, a liberdade com a qual é feito, somadas à abertura, ao apoio e orientação encontrados nessa construção, permitem atentar também para as etapas desse processo criativo, para a poética dessa construção, resgatando e construindo memórias.

Cabe indicar, também, que esta pesquisa se utiliza de repertórios, informações e conteúdos explorados ao longo dos últimos anos. Nesse tempo, vivenciou-se o período de distanciamento social provocado pela pandemia de *COVID-19*, que permite pensar e valorizar o uso de mídias e tecnologias. Conforme já observado, usou-se desses recursos como meio e plataforma de acesso à arte, aos temas explorados, por meio de canais como *Youtube* e *Instagram*, por exemplo. A velocidade do uso e consumo dessas mídias e redes não prejudicou o acesso ao projeto artístico estudado, e seus desdobramentos, potencializando e registrando, ainda, um olhar poético para o efêmero.

Em seu projeto “Guardanapos Poéticos”, Viana aproxima arte e vida, com ações artísticas diversificadas, provocativas, afetivas. Aproxima pessoas, permitindo com sua poética um olhar de pertencimento, de identidade, podendo, ainda, ativar o campo da memória. Permite um encontro com a poética da memória. O projeto vem, então, relacionado com a arte colaborativa, participativa, ligando o artista também ao contexto de mediação cultural e ao ensino da arte.

A pesquisa reflete, dessa forma, sobre arte a partir de um olhar para a arte colaborativa, acessível, capaz de valorizar, sensibilizar e humanizar as relações das

pessoas envolvidas, consigo e entre elas, com suas memórias, com o meio, com a própria arte.

O olhar para a arte colaborativa permite, com isso, pensar no papel da arte como mediação artística e cultural. Importante lembrar dos ensinamentos de Mirian Celeste Martins e Gisa Picosque (2012) sobre mediação como provocação, como estímulo para uma experiência artística, poética e estética, agregando à mediação a ideia de cultura, conectando tanto com o "contexto cultural da obra como no contexto cultural de quem é afetado por ela" (MARTINS, PICOSQUE, 2012, p. 47).

Merecem destaques os ensinamentos de Ana Mae Barbosa (2014), os pilares propostos para o ensino de arte, a partir de sua "Proposta Triangular", abordando a apreciação, contextualização, e o fazer artístico. A arte de Daniel Viana pode ser objeto artístico também em sala de aula, construindo um processo de ensino e aprendizagem com esse artista plural, contemporâneo, agregando arte colaborativa e potencializando memórias. Alguns projetos de Viana, bem como ações de artistas como Hélio Oiticica e Lygia Pape permitem exemplificar movimentos artísticos ligados também à arte ambiente e urbana, numa relação direta e concreta da arte com o meio.

Pensando na materialidade, o despertar da poética da memória é capaz de nutrir a prática artística, valoriza a liberdade e a possibilidade no uso dos mais diversos materiais e recursos, dos simples aos mais complexos, tornando o fazer artístico mais acessível. Um olhar sensível para essa materialidade, para a arte, pode garantir, ainda, um olhar sensível para si, para as próprias memórias, para a própria história, para a própria cultura, num movimento de entendimentos diante da própria essência, da própria existência.

Já alguns teóricos pesquisados sustentam a importância do ensino da arte, de uma abordagem de arte como experiência sensível, poética e estética. Em Viana, é possível compreender essa relação, com ele e seus projetos, com sua poética, indo além de uma arte conceitual, mas acessando uma arte possível, simples, quotidiana. Conforme já citado, ensina Barbosa: "Só um fazer consciente e informado torna possível a aprendizagem de arte" (BARBOSA, 2014, p. 33).

Com um olhar para as narrativas do artista Daniel Viana, seu projeto "Guardanapos Poéticos" traz narrativas do próprio artista, realizadas a partir de outras narrativas. Uma vez apresentado ao público, cada trabalho pode ser recebido e reinterpretado, com experiências individuais que proporcionam novas narrativas,

como uma dança entre obra, artista e público. Diante dessas diversas perspectivas, reitera-se a relação entre memória, passado e presente, tempo e espaço, bem como a aproximação de semelhanças entre memórias, numa relação e sensação de pertencimento com a obra.

Cabe destacar que essas ações de Viana são intervenções artísticas que resultam da arte colaborativa, um dos elementos objeto desta pesquisa. Identificam-se, nessas ações do projeto “Guardanapos Poéticos”, movimentos colaborativos, presentes nas relações de troca entre as pessoas envolvidas, com intervenções que podem transformam pessoas e lugares, provocando a sensação de pertencimento, aproximando o público, aproximando arte e vida na contemporaneidade.

Ademais, este estudo observa novos nexos por meio de ações artísticas que associam artes visuais e muitas linguagens. Além da *Internet* utilizada, plataforma visual tão presente na atualidade, contempla-se literatura, performance, instalações, intervenções urbanas, fotografias, por exemplo.

A construção dessa pesquisa passou, ainda, por outros artistas que estabelecem uma ponte colaborativa entre pessoas, memórias, linguagens, e que seguem registrados: o trabalho de Bia Lessa e Dany Roland com o vídeo “Então morri” (2016)*;* a *Net art* de Eva e Franco Mattes; o pintor letrista Filipe Grimaldi; o “Grupo Corpo” de dança contemporânea, com as colaborações da artista e arquiteta Freusa Zechmeister; algumas obras, parcerias e intervenções de Marina Abramov*i*ć; Ricardo Basbaum e seu projeto “NBP – Novas Bases para a Personalidade”; Rodrigo Gontijo com sua arte em projeções e vídeos.

Observam-se, pois, alguns exemplos de trabalhos que vão além das suas definições. Estar além das definições talvez traduza o sentimento diante da experiência em conhecer e explorar o projeto “Guardanapos Poéticos”, juntamente com outras manifestações artísticas de Viana, que proporcionam a sensação de pertencimento, de viagem, de afeto, de companhia, de abraço – abraço esse que vem, simbolicamente, apresentado anteriormente na Figura 9, e na capa do quarto capítulo.

Cabe lembrar, assim, da questão levantada como provocação desta pesquisa, aqui apresentada em forma de afirmação: sim, por meio de uma arte colaborativa é possível estabelecer relação de pertencimento com a arte e seu fazer artístico, provocando nos envolvidos um encontro com a própria poética da memória, numa

prática artística que pode, também, ser aplicada e desenvolvida no contexto da arte-educação e ensino da arte.

Estabelece-se, portanto, relação entre arte colaborativa e arte-educação, num encontro com a poética da memória, a partir do projeto artístico “Guardanapos Poéticos” de Daniel Viana.

Por fim, apresenta-se um convite para que se conheça o referido projeto “Guardanapos Poéticos”, para que ele seja visitado, revisitado, de forma a ampliar os olhares para esse projeto artístico, para a poesia, para a arte de rua, para a arte instalação, para arte disponibilizada na *Internet*, bem como atentar os olhares para si, para a memória, para a poética da memória, para a arte colaborativa, para o ensino da arte, para a relação entre esses elementos, para a arte contemporânea. Um convite para um encontro com o sensível. E, especialmente, para que sejam vistos, e vividos, os trabalhos artísticos de Daniel Viana.

6. REFERÊNCIAS

ALVES, Daniele de Sá. Experiência, criação e contemporaneidade: partilhas sobre ensinar e aprender arte. **Revista Apotheke**. Florianópolis, v.7, n.2, p. 209-223, out. 2021.

BARBOSA, Ana Mae (org.). **Ensino da Arte: memória e história**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem no ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política – Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobra a experiência e o saber de experiência (tradução de João Wanderley Geraldi). **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, n.19, p. 20-28, abr. 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

CAMARGO, Robson Corrêa de. Novas sensibilidades, performances e o neoconcretismo: o exercício experimental de liberdade de Hélio Oiticica. **Revista Artelogie**. Paris, n.14, 2019. Disponível em: https://journals.openedition.org/artelogie/3954. Acesso em 02 Ago. 2022.

CARVALHO, Daniel Gomes de. **Filosofia para mortais: pensar bem para viver bem**. Rio de Janeiro: HarperCollins Brasil, 2020.

DANIEL Viana. Grupo Sobrevento, 2022. Disponível em: http://www.sobrevento.com.br/index.htm. Acesso em 21 Out. 2022.

DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?**. Campinas: Papirus, 1994.

ENTÃO morri. Direção de Bia Lessa e Dany Roland. Brasil: 2+3 produções, 2016. (89 min). Disponível no XVI Congresso do Forcine em: http://www.forcine.org.br/site/. Acesso em 25 Set. 2020.

EVA & FRANCO MATTES. Instagram, 2022. Disponível em: @evaandfrancomattes. Acesso em 15 Nov. 2022.

FILIPE GRIMALDI. Instagram, 2022. Disponível em: @filipegrimaldi. Acesso em 17 Nov. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GRUPO CORPO. Instagram, 2022. Disponível em: @grupo_corpo. Acesso em 10 de Nov. 2022.

GUARDANAPOS POÉTICOS. **9 anos de Troco um Causo por um Conto**. Youtube, 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kgXR-m9P1Yc. Acesso em 11 Jul. 2022.

GUARDANAPOS POÉTICOS. **Guardanapos Poéticos em Resiliência Urbana**. Youtube, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ArY8F5GlC-0. Acesso em 20 Jan. 2022.

GUARDANAPOS POÉTICOS. **Guardanapos Poéticos em Troco um causo por um conto**. Youtube, 2015. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_RvtyxZ6m7I. Acesso em 20 Jan. 2022.

GUARDANAPOS POÉTICOS. **Guardanapos Poéticos na TV Brasil**. Youtube, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=eOXb42p1qj8&t=84s. Acesso em 20 Jan. 2022.

GUARDANAPOS POÉTICOS. Instagram, 2022. Disponível em: @guardanapospoeticos. Acesso em 25 Nov. 2022.

HÉLIO OITICICA: A DANÇA NA MINHA EXPERIÊNCIA. Masp, 2020. Disponível em: https://masp.org.br/exposicoes/helio-oiticica-a-danca-na-minha-experiencia. Acesso em 19 Set. 2022.

ITAÚ CULTURAL. **Mestrado profissional em artes da cena – Escola Itaú Cultural**. Youtube, 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Iso559JZFOg&t=1833s. Acesso em 27 Jul. 2022.

LYGIA CLARK – HÉLIO OITICICA – LYGIA PAPE. Garage, 2018. Disponível em: https://garagemca.org/en/event/lygia-clark-h-lio-oiticica-lygia-pape-a-lecture-by-irina-kulik. Acesso em 19 Set. 2022.

LYGIA PAPE. Dasartes, 2022. Disponível em: https://dasartes.com.br/materias/lygia-pape/. Acesso em 19 Set. 2022.

MARINA ABRAMOVIĆ: THE ARTISTIS PRESENT. Moma, 2021. Disponível em: https://www.moma.org/audio/playlist/243. Acesso em 21 Jun. 2021.

MARTINS, Mirian Celeste. Mediações Culturais e contaminações estéticas. **Revista GEARTE**. Porto Alegre, v.1, n.2, p. 248-264, ago. 2014.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação Cultural para professores andarilhos na cultura***.* 2ª edição. São Paulo: Intermeios, 2012.

MOURA, Flávio. Mário Pedrosa e o Neoconcretismo. **Novos Estudos**. São Paulo, n.99, p. 137-157, nov. 2014.

OITICICA, Hélio. **Aspiro ao grande labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

RICARDO BASBAUM. Enciclopédia Itaú Cultural, 2020*.* Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10662/ricardo-basbaum. Acesso em 20 Set. 2022.

RODRIGO GONTIJO. Instagram, 2022. Disponível em: @rodzgontijo. Acesso em 15 de Nov. 2022.

SALES, Roberto Lima; FREIESLEBEN, Mariane; TEIXEIRA, Patrícia Luciano de Farias. **Narrativas Visuais: um encontro com a poética da memória***.* Ponta Grossa: Atena, 2020.

VIANA, Daniel. **100 contos por 10 contos trocados**. São Paulo: do Autor, 2013.

VIANA, Daniel. Poetas de rua: a via literária na via urbana. **Revista do centro de pesquisa e formação**. São Paulo, n.11, p. 71-90, dez. 2020. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/2e43ea02/88fb/4a43/800c/2d956a21fb4d.pdf. Acesso em 25 Jul. 2022.